

Coimbra — Edificio do museu e aulas da faculdade de philosophia

Essa milicia de Jesus, onde se viram alliadas as ambições mundanas com a abnegação da vida nas emprezas da propagação da fé, teve o seu primeiro collegio na cidade de Coimbra.

Lançou-se a primeira pedra d'este collegio no dia 14 de abril de 1547, em um terreno no alto da cidade, que para esse effeito fôra concedido por el-rei D. João III, então reinante.

Ao cabo de poucos annos estava levantado um dos mais vastos edificios, não só de Coimbra, mas tambem de todo o reino. Foi privilegio exclusivo da *companhia de Jesus* estreiar-se d'este modo, com tão grandiosa fundação. As outras ordens religiosas, na sua entrada em Portugal, começaram por erigir conventos de fabrica humilde ou modesta, onde viviam. Esta circunstancia dá só de per si a medida da grande protecção que os jesuitas desde logo obtiveram na corte, que assim lhes forneceu os meios pecuniarios de que precisaram para similhante obra.

Foi aquella estreia um feliz prognostico. E com effeito, nenhuma ordem religiosa cresceu tanto e tão depressa no favor dos principes e dos aulicos, na vastidão e opulencia das suas numerosas habitações, no numero e na sciencia de seus filhos, na somma avultada dos seus rendimentos, e em fim, na influencia absoluta na curia romana, nos conselhos dos soberanos e no animo dos povos.

Abusaram os jesuitas do seu poder e riquezas, como ordinariamente costumam abusar d'esses dons as nações e os proprios homens que se engrandecem. É isto um resultado da fragilidade humana. Caiu repentinamente a *companhia de Jesus*, sem ter vivido a longa vida da maior parte das ordens religiosas. Parece que n'este ponto se executou uma lei da natureza, que assignala curta duração aos seres que rapida e precocemente se desenvolvem.

O que é certo é que, passados pouco mais de dois seculos depois da fundação do seu primeiro collegio, e quando a ordem se achava no apogêo do seu poderio, foi banida e expulsa de Portugal, sequestrados todos os seus bens e desnaturalisados os seus filhos, por decreto del-rei D. José, de 3 de setembro de 1759.

Aos bens da extincta ordem deu el-rei diversas applicações, que não vem para o caso mencionar. Em quanto ao collegio de Coimbra, que é o que nos interessa agora, teve o seguinte destino. A egreja, por ser grandiosa, foi concedida ao bispo-conde para n'ella estabelecer a sua sé, a qual foi transferida do antigo templo em 1772 para este, que então trocou a sua invocação de *Santo Nome de Jesus e das Onze Mil Virgens* pela de *Nossa Senhora da Assumpção*, a quem são consagradas todas as cathedraes do reino, por disposição del-rei D. João I. Ao templo dos jesuitas denominou o povo *sé nova*, e ao que fôra despojado das honras de cathedral ficou o nome de *sé velha*, não obstante ser constituido em parochia com o titulo de *S. Christovão*.

O edificio do collegio foi apropriado para hospital, e para o estabelecimento de um museu e das aulas da faculdade de philosophia. Depois de alguns arranjos interiores, foi transferido para uma parte do edificio o *hospital real de Nossa Senhora da Conceição*, que estava situado na *Praça*, e que mais tarde foi novamente mudado para outra localidade. Porém na parte do antigo collegio destinado para museu fizeram-se obras que lhe deram nova fórma, com rico e nobre prospecto.

Esta fundação era determinada pela reforma geral dos estudos, decretada em 1772, e que creou as faculdades de mathematica e philosophia; reforma que, collocando a universidade de Coimbra a par dos primeiros estabelecimentos scientificos da Europa, e dando um grande impulso á instrucção publica, constitue uma das maiores glorias da administração, tão esclarecida quão patriotica, do marquez de Pombal.

O edificio do museu está contiguo á sé nova, e

consta de tres fachadas: a principal, que se vê representada na gravura que publicâmos, e guarnece um lado do *largo do Museu;* e duas lateraes pouco extensas, uma que está junta ao frontispicio da sé, e outra que fica sobre uma encosta povoada de basto arvoredo, que fazia parte da cêrca do antigo collegio, e que ainda hoje é chamada *bosque dos Jesuitas.*

A fachada principal tem de comprimento 111^{m},20, e de altura 10^{m},45. A nossa gravura dispensa-nos de particularisar miudezas da ornamentação d'esta frontaria. Bastará apenas dizer, por não estarem bem perceptiveis, que os relêvos que adornam o tympano do frontão são allusivos ás sciencias naturaes.

No pavimento baixo acham-se estabelecidos os *gabinetes de chimica e de microscopia*, o *dispensatorio pharmaceutico*, o *theatro anatomico* e o *gabinete de anatomia pathologica.*

Possue o theatro anatomico uma collecção de cabeças de muito apreço para os estudos de phrenologia. Pertenceu ao commendador Gama Machado, conselheiro da legação de Portugal em Paris, e fallecido n'essa cidade, o qual a deixou por sua morte á universidade de Coimbra. Mr. C. Chevalier, que foi o testamenteiro d'aquelle nosso sabio compatriota, e quem fez a remessa do legado, expressa-se a respeito d'este nos seguintes termos: «A collecção das cabeças é das mais notaveis que ha. O seu numero é consideravel. É um verdadeiro museu. Não ha outra reunião de exemplares tão completa da applicação do systema de Gall. Encontram-se em quasi todas aquellas cabeças notas scientificas e curiosas, escriptas da propria mão do sr. Gama Machado. Esta collecção é um thesouro, unico, de observações e applicações.»

Estas linhas, escriptas em Paris, e por pessoa insuspeita, dão a medida, certamente, da importancia de similhante legado.

O gabinete de anatomia pathologica encerra diversas collecções de monstruosidades curiosas, conservadas em espirito de vinho; de exemplares de cêra, obra de mr. Vasseur, representando variadas partes do corpo humano, dispostas com singular similhança, para o estudo das enfermidades cutaneas, etc.

Ha junto ao theatro anatomico uma sala para o ensino da anatomia descriptiva e da tocologia, com boa cópia de exemplares para o estudo d'estes dois ramos da sciencia.

No andar nobre do edificio acham-se as aulas da faculdade de philosophia da universidade, o gabinete de physica e o museu.

Adornam as paredes do salão de entrada os retratos a oleo dos reis D. José I, D. Maria I e D. Pedro III. As salas onde funccionam as referidas aulas tem a forma de amphitheatro. São muito alegres e bem decoradas. Nenhumas outras possue a universidade tão bellas como estas, e tão apropriadas ao effeito de ser o lente ouvido e visto perfeitamente de todos os discipulos.

O gabinete de physica contém uma grande quantidade de machinas e instrumentos, alguns d'elles modernos e excellentes, os quaes estão distribuidos em duas salas.

O museu occupa várias galerias, ou grandes salas. Na primeira está disposta a collecção de mineralogia, que é soffrivel, e se acha classificada conforme o systema de Dufrenoy. Apesar de possuir uma boa porção de amostras de marmores de differentes paizes, a collecção dos marmores nacionaes é muito deficiente. Faltam-lhe muitas variedades, e algumas das mais preciosas, sobre tudo das que se encontram e modernamente foram descobertas e exploradas nas serras de Alvito e de Vianna do Alemtejo.

A sala de zoologia, não obstante a sua grande extensão, está completamente cheia, pelo que se trata de lhe annexar outro salão, que se anda construindo na parte do antigo collegio jesuitico, onde esteve o hospital da Conceição. Esta nova sala está junta d'aquella, de maneira que, depois de concluida, constituirão ambas uma galeria com 16 janellas, tendo de comprimento 90 metros, e de largura 9.

Das diversas collecções que existem n'aquella sala, a mais abundante é a de ornithologia (aves), que elrei o sr. D. Pedro V, de saudosa memoria, enriqueceu, mandando-lhe algumas especies que alli não havia.

A sala da conchyologia e fosseis é pobre. Tem uma grande quantidade de exemplares repetidos, e faltam-lhe muitas especies. Aquelle mesmo soberano augmentou a primeira d'aquellas collecções com 104 especies. Quanto aos fosseis, foram modernamente colligidos, e por essa razão ainda não formam uma collecção numerosa, para o que bastaria compor-se de todas as variedades que se encontram no nosso paiz relativas a ossos, plantas, e principalmente conchas.

Tambem modernamente se começou a colleccionar algumas antiguidades e curiosidades, as quaes se acham dispostas em uma grande sala, ha pouco construida no dito edificio, que serviu de hospital. Entre muitos productos da Africa, da Asia e da America, vêem-se alli diversos objectos historicos de bastante apreço, taes como várias armas das que serviram no cêrco de Diu, memoravel baluarte do valor e da gloria dos portuguezes; e o ferrolho da porta do castello de Coimbra, d'esse theatro da lealdade e heroismo de Martim de Freitas.

Além das referidas salas, encerra mais o edificio, no mesmo pavimento, outras em que estão a bibliotheca, que occupa duas, e um gabinete de anatomia comparada, onde se vêem, entre outros objectos dignos de attenção, uma collecção de esqueletos de differentes especies de animaes, dissecados e preparados com muita perfeição por empregados do museu.

O estado apenas dá uma consignação annual de 800$000 réis para a conservação e augmento d'este museu. Bem se póde julgar que com tão insignificante verba, pagos os ordenados dos empregados e mais despezas de conservação, pouco ficará para se empregar no augmento das collecções. Causa isto pena, pois que assim continuará estacionario um estabelecimento tão util e honroso para a universidade de Coimbra, e que, com mais algum sacrificio, embora pequeno, do thesouro publico, poderia ir adquirindo progressivo desenvolvimento, pelo menos em relação aos productos do paiz; que maior lastima é que nem sequer n'estes seja rico um museu já d'aquella ordem, e pertencente ao primeiro estabelecimento scientifico da nação!

No largo do Museu, em frente do edificio de que temos tratado, está o *laboratorio chimico*, creado na mesma epocha pelo marquez de Pombal. O edificio, construido expressamente para esse fim, é grandioso e de boa architectura. Porém a fachada principal está incompleta, não obstante faltar pouco para o seu acabamento.

I. DE VILHENA BARBOSA.

UM AMOR DE PAGEM

(Vid. pag. 11)

Uma nuvem de poeira, levantando-se do lado da praça portugueza, revelou a chegada do cortejo annunciado: logo após appareceu a todo o galope o tenente coronel Antonio Henriques, ajudante de campo do conde d'Alva, e, estacando diante do general, annunciou-lhe que já se divisavam os coches. Era escusado o aviso; o rumor longinquo dos vivas do povo, rumor que se ia aproximando a cada instante, bem indicava que estavam proximas suas magestades e

altezas. Logo correu um vago frémito na multidão que atulhava a margem do rio; ouviram-se as vozes de commando dos coroneis de infanteria e cavallaria; soaram as trombetas, e a cavallaria, alinhando-se, repelliu o povo que se esforçava por embaralhar as fileiras no movimento impetuoso a que o levava o querer contemplar de perto a pessoa do monarcha. Braz Mattoso afastou-se do batalhão, e foi reunir-se aos outros criados do duque de Cadaval, que formavam corpo com os couteiros reaes. Mas o nosso homem seguia as doutrinas de Cesar, e preferia ser actor principal na scena limitada em que estava brilhando, a ser comparsa no espectaculo pomposo que se annunciava. Por isso ia resmungando, ao passar por junto do conde de Aveiras, sargento-mór de batalha, que servia de immediato ao conde d'Alva:

— Tanta bulha para nada! Diabos me levem se eu percebo por que vem tanta gente ver isto!

— Preferias Broças, hein? meu velho camarada? disse o conde de Aveiras, que o ouvíra, sorrindo-se benevolamente.

— Ah! quem lá nos dera, senhor conde, exclamou Braz Mattoso tirando respeitosamente o chapeo. Não mette pena ver o regimento de Moura, que v. exc. commandava n'esse combate, estar aqui, como diz o outro, a fazer fosquinhas aos hespanhoes, em vez de lhes esmurrar as ventas?

O conde já não ouviu o fim da phrase; mettêra esporas ao cavallo e partíra a galope a collocar-se ao lado do conde d'Alva. O cortejo real assomava ao longe, e o coche do duque de Lafões, que precedia o acompanhamento, já se divisava, cercado de numerosos criados e formosos ginetes levados á mão.

Era realmente um esplendido panorama o que apresentavam n'esse instante as duas margens do Caia. O sol, no seu zenith, batia de chapa nas armas dos regimentos, e accendia uma chamma na ponta de cada bayoneta, um relampago no cano de cada espingarda. As bandas regimentaes atroavam os ares com as suas musicas festivas, e os vivas do povo formavam com ellas alegre consonancia. O Caia, testimunha de tantas pelejas entre as duas nações, que uma á outra se festejavam agora, corria assombrado da mudança, e no limpido espelho das suas aguas, que já nem conservavam um só veio do sangue que as tingíra, reflectia o azul do ceo, o esplendor do sol e as magnificas fachadas do palacio improvisado, cuja imagem tremia no cristal do rio.

Ao ver o magnifico cortejo que principiou a desfilar logo em seguida ao coche do duque de Lafões, comprehendia-se a fascinação que as pompas da realeza exerciam no povo. Parecia que todo o oiro das minas brasileiras, todo o veludo das fabricas de Utrecht, todas as sedas das manufacturas francezas se haviam combinado entre si para darem um nunca visto esplendor á comitiva de D. João v. Um dos burguezes de Elvas, a quem Braz Mattoso permittiu generosamente que se lhe encostasse ao sellim do cavallo, contemplava maravilhado as carruagens que iam desfilando por diante d'elle, d'onde se apeavam, ao chegarem á beira do rio, personagens vestidos com um luxo que elle julgava reservado exclusivamente para os contos de fadas, e não cessava de exclamar:

— Grande rei temos na verdade! Nunca Portugal teve tanta grandeza!

E, todo ufano com isso, esquecia as contribuições que estavam a cada instante a bater-lhe á porta, e que o obrigavam a vestir uma casaca de panno verde-garrafa, matizada aqui e além de uns remendos verde-bexiga, com que lhe acudíra a solicitude da sua digna esposa, que estava a essas horas em Elvas preparando o jantar da familia.

Mas, como dissemos, a desculpa do bom do burguez estava na pompa realmente olympica do espectaculo. As berlindas que desfilavam logo após do coche do duque de Lafões, todas pertencentes á casa real, eram forradas de veludo carmesim, e deslumbravam com o oiro que as matizava por todos os lados. As tres parelhas de magnificos frisões que tiravam cada uma das berlindas caminhavam ufanas dos seus aureos arreios. Em torno d'ellas volteava uma nuvem de criados, cujas librés variegadas formavam a mais rica palheta do mais ardente colorista. Vinha em seguida uma força de quinze cavallos, e logo após vinte e quatro tromboteiros e atabaleiros del-rei, vestidos de veludo encarnado agaloado de oiro, com trombetas de prata. Seguiam-se seis cavallos de mão do duque de Cadaval, e em seguida cincoenta e dois formosos ginetes do rei e dos infantes, todos cobertos de telizes de veludo bordados a prata e oiro. Desfilavam depois os doze postilhões de gabinete com fardas de panno escarlate com argenteos alamares. Passaram em seguida os coches da guarda-roupa dos infantes. Logo uma berlinda sumptuosa onde se via o rosto astuto do jesuita Carlos Gallenfelz, confessor da rainha. Mais atraz, n'outra berlinda, ia o confessor del-rei, o padre Martinho de Barros, celebre por se suppor ser elle o heroe do ascoroso poema intitulado a *Martinhada*, attribuido ao Camões do Rocio. Os nomes d'estes personagens ia-os Braz Mattoso dizendo ao seu companheiro, que cada vez sentia por elle mais profundo respeito; mas quando appareceu um coche todo de talha doirada, forrado de veludo lavrado carmesim, com o tejadilho e capa de almofadas de veludo liso da mesma côr, bordado e passamanado de oiro, o digno Braz Mattoso, em vez de responder ás perguntas do elvense, atirou com o chapéo ao ar e berrou com a sua voz de trovão:

— Viva o sr. duque de Cadaval!

Uma das pessoas que iam no coche debruçou-se para fóra da portinhola, e divisando o nariz rubido de Braz Mattoso, que no excesso da commoção se fizera côr de fogo, acenou-lhe benevolamente com a cabeça. Logo após o duque appareceu o rosto travêsso de um pagemzito dos seus dezoito annos, imberbe e mimoso como o de uma menina, que se sorriu para o sota-cavallariço e que esteve um instante a seguil-o com os olhos.

— Adeus! Adeus! meu D. Luizinho! exclamava Braz Mattoso impellindo o cavallo um pouco para a frente, e fazendo, com esse movimento subito, perder o equilibrio ao burguez que se lhe encostava á sella e que foi de ventas ao chão. Olha o meu cherubim, o meu S. Miguel Archanjo, continuava o sota-cavalriço sem se importar com o desastre que occasionára, vejam se não era muito melhor que elle casasse com a senhora infanta do que o tal labrego das Asturias que vem acolá de Badajoz! Se o sr. D. João v quizesse o meu conselho...

— Meu digno sr. Braz Mattoso, bradava em tom supplicante o elvense ainda estatalado na poeira do caminho, queira estender a mão para ver se eu me levanto.

— Que está vossê a palrar? berrou o sota-cavallariço; se se atreve a dizer que o meu D. Luizinho não é a perola dos gentis-homens da camara de sua excellencia, e de todas as excellencias e magestades d'este mundo, racho-o de meio a meio.

— Ninguem lhe diz o contrario, senhor, peço-lhe só que me levante.

Mas o criado do duque de Cadaval já nem pensava no companheiro. Os estrondosos vivas do povo, as continencias militares da tropa, saudavam a chegada de um coche forrado de tissu e veludo, todo doirado e franjado, tirado por soberbissimos cavallos, e cercado de moços de estribeira sumptuosamente vestidos, dentro do qual iam tres personagens que cingiam ou haviam de cingir a coroa portugueza. Eram esses tres

personagens D. João v, o principe do Brasil, que havia de ser D. José I, e o infante D. Pedro, que havia de ser D. Pedro III.

— Viva sua magestade el-rei o sr. D. João v! berrou Braz Mattoso, atirando pela segunda vez com o chapeo ao ar.

— Viva! guinchou de traz d'elle uma voz esganiçada.

Por um esforço supremo, e arriscando-se a levar dois coices, o burguez de Elvas lançára a mão ao rabo do cavallo de Braz Mattoso, e pondo-se em pé, todo coberto de poeira, saudava o magnifico monarcha agitando no ar o chapeo que já assistíra ás ceremonias da acclamação do mesmo rei.

Tal era o enthusiasmo que ao povo d'essa epocha inspirava a realeza!

Comtudo, o cortejo continuava a desfilar; mais de trezentas seges, estufas e berlindas seguiam os coches das pessoas reaes. Tudo eram sellas de veludo, passamanes de oiro, arreios esplendidos, cavallos admiraveis, e o immenso luxo que então se ostentou chegava até a notar-se nas mais pequenas coisas do equipamento, nos selegões, nos franqueletes, nas boléas, nos tirantilhos. Nos armazens do reino havia mais de um anno que se não trabalhava n'outra coisa; de França tinham vindo navios e navios carregados de compras que D. João v lá mandára fazer, porque n'essas ceremonias, que deixaram a perder de vista a sumptuosidade da corte de Luiz XIV, era tudo novo, desde os coches de apparato até ás galeras da ucharia, desde as sellas dos ginetes reaes até ás testeiras das azemolas de carga. E o povo applaudia, enlevava-se, embevecia-se com tudo isso, e não pensava um instante só nos milhões de cruzados que se tinham sumido n'esse abysmo.

A final, após as seges appareceram a todo o galope os quatro esquadrões de cavallaria que rematavam o cortejo, e que obedeciam aos capitães conde d'Obidos, D. Antonio da Silveira e Albuquerque, José Bernardo de Tavora e D. Diogo de Sousa. Os formosos corceis de Alter branquearam o oiro dos freios com a espuma quando os soldados, á voz dos seus commandantes, os fizeram estacar de subito, em quanto ao som das musicas festivas entrava uma grande parte do cortejo real no palacio do Caia.

As carruagens, enfileiradas ao longo do rio, formavam uma extensa linha que chispava fulvos reflexos ao bater-lhe o sol nos doirados das caixas, que destacavam brilhantemente do fundo carmesim de veludo. Os uniformes dos esquadrões de cavallaria, as fardas vermelhas dos trombeteiros e dos postilhões de gabinete, davam logo na vista no meio dos fatos menos esplendidos dos espectadores. Aqui e além viam-se tambem reluzir por baixo da avara mantilha os olhos peninsulares de alguma alemtejana galante, que nada ficavam a dever aos olhos negros que da margem fronteira se cravavam com ingenua admiração no magnifico panorama que a comitiva portugueza offerecia. Mas, digâmol-o para vergonha eterna dos galanteadores lusitanos, em vão despediam chammas os olhos das suas compatriotas; todas as attenções estavam n'esse instante voltadas para o sumptuoso palacio improvisado, onde se representava a scena principal d'essa espectaculosa peça.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

O NILO

DILIGENCIAS PARA O DESCOBRIMENTO DA SUA ORIGEM
EPISODIO DE UMA CAÇADA NA AFRICA ORIENTAL

O Nilo é um dos rios do mundo que mais tem excitado a curiosidade dos viajantes e as investigações dos estudiosos. A sua immensa extensão; o singular phenomeno das suas cheias periodicas, de que depende absolutamente a fertilidade do Egypto; os paizes que atravessa, onde floreceu um dos mais poderosos imperios da antiguidade; os padrões d'esse glorioso passado, que, zombando das injurias de tantos seculos, ainda hoje se espelham nas aguas do Nilo, ostentando nas suas fórmas colossaes e na riqueza dos ornamentos a grandeza do povo que os erigiu, e o esplendor da civilisação a que chegou; tudo isto tem attrahido áquellas regiões numerosos viajantes, principalmente depois que as victorias de Napoleão Bonaparte e os desenhos de Vivant Denon fizeram conhecido e popular em toda a Europa o Egypto.

D'essas viagens resultou uma questão ácerca da origem d'aquelle celebre rio; pois que lhe assignalaram não só diversas fontes, mas até differentes paizes da Africa, onde lhe punham o seu nascimento. Por conseguinte, o descobrimento da sua verdadeira origem tornou-se objecto de particular interesse para a sciencia. Começaram-se então a emprehender viagens expressamente com esse fim. Uma das ultimas que se levaram a effeito foi a dos capitães Speke e Grant, enviados a essa descoberta por ordem do governo britannico e a instancias do primeiro d'aquelles viajantes, auxiliadas pela *sociedade real de geographia*, de Londres.

O capitão Speke, em uma viagem que fez ao interior da Africa em 1858, tendo chegado ao lago *Victoria N'yanza*, descobriu que n'elle tinha o seu berço o rio Nilo. Voltando para Inglaterra, deu conhecimento d'esta descoberta ao governo e á *sociedade real de geographia*, de Londres, e publicou o roteiro da sua viagem. Não obstante, porém, tudo quanto disse e escreveu, não conseguiu fazer prevalecer a sua opinião sobre outra contraria á sua, e mais auctorisada nas regiões officiaes.

Foi isto o que determinou a sua resolução de voltar ao centro da Africa para proceder a novas diligencias, que o habilitassem a desfazer todas as dúvidas que lhe oppunham os seus contrarios, e a demonstrar com mais clareza e precisão a verdade do descobrimento que fizera.

Ao cabo de nove mezes de vivas instancias da sua parte, auxiliadas pela *sociedade real de geographia*, obteve do governo inglez a auctorisação que solicitava; e no dia 27 de abril de 1860 embarcou, em companhia do capitão Grant, em um navio do estado, com direcção ao Cabo da Boa Esperança. D'aqui passaram em outro navio de guerra a Zanzibar, na costa oriental do continente africano. Chegaram á cidade de Zanzibar, capital da ilha do mesmo nome, e dos estados do iman de Mascate, no dia 17 de agosto.

Recebeu-os o sultão benevolamente, e prestou-lhes quantos auxilios podiam d'elle depender para o bom resultado da empreza projectada. Assim, depois de se aperceberem de gente, mantimentos e de todo o necessario para uma tão longa viagem através de paizes desconhecidos e de povos selvagens, embarcaram para Bagamoyo, na costa visinha, d'onde se pozeram em marcha para o sertão africano.

Não é nosso intento referir aqui o que os dois celebres viajantes passaram no seu longo trajecto. Quem desejar ter conhecimento d'essa curiosa narração póde lel-a no excellente jornal de viagens *Le Tour du Monde*, a pag. 274, anno de 1864. O nosso fim, informando o leitor do alvo que tinha em mira a empreza do capitão Speke, é simplesmente contar um episodio d'esta viagem para explicação da nossa gravura, que foi copiada de outra que adorna o dito jornal.

O capitão Speke era um habil caçador, já experimentado nas perigosas caçadas de animaes ferozes, nas quaes se requer, como condição indispensavel, a maior certeza na pontaria, grande ligeireza e coragem a toda a prova. Possuindo, pois, taes dotes e tal gosto, o exercicio da caça foi o seu passatempo durante toda

a jornada. D'entre os muitos perigos a que se viu exposto, e de que saíu são e salvo pela acção d'aquelles apreciaveis dotes, foi um o que lhe succedeu andando á caça dos bufalos perto de Kanyényé, no paiz de Ougogo.

Speke ia acompanhado de dois pretos, chamados Solimão e Farai, levando todos tres boas armas caçadeiras. Com os olhos bem attentos e o ouvido á escuta, foram-se entranhando em um bosque. Não tardou que viesse despertar-lhes a attenção o mugido de um bufalo. A poucos passos descobriram uma numerosa manada d'estes animaes, caminhando tranquillamente. O capitão desfechou logo a sua arma, e a bala foi varar o corpo de uma femea. Um segundo tiro, disparado contra um bufalo, espantou e, a final, poz em fuga toda a manada.

Apesar de serem os inimigos tantos e tão temiveis, o intrepido caçador corre em seu alcance, e, apenas dá com elles, começa a atirar para a direita e para a esquerda.

A pratica adquirida n'estes exercicios tinha-lhe feito conhecer, certamente, que aquelles animaes, assim perseguidos, fogem sempre aterrados pelo estrondo dos tiros. Todavia, um dos bufalos d'aquella manada, ao qual uma bala acabava de quebrar uma das pernas, mais matreiro que os seus companheiros, sóbe a custo a um oiteirosinho como para descobrir o inimigo, e, assim que o avista, arremette furiosamente



O capitão Speke e o preto Solimão perseguidos por um bufalo

contra elle, tão de improviso e com tamanho impeto como se não tivesse a perna quebrada. O capitão, porém, não se perturbou com tão repentino e inesperado ataque; antes com singular firmeza e placidez disparou a arma sobre o animal com tanto acerto, que o prostrou por terra, tirando-lhe a vida com um segundo tiro.

Ainda bem não estava passado este perigo, já se apresentava outro egual no mesmo theatro do primeiro. Novo inimigo, egualmente matreiro, e tambem desesperado pelas dores com que o lacerava profunda ferida, quando o julgavam caído exangue, ou longe d'alli, fugindo á morte, pois que desapparecêra ao segundo tiro que levou, sae detraz de uma moita, onde se escondêra á espera que os caçadores se aproximassem d'aquelle logar, e investe com elles, bramindo de raiva. Os dois pretos ficaram tão sobresaltados e cheios de pavor, que, sem fazerem caso das espingardas que tinham nas mãos, procuraram salvar-se, valendo-se da sua extrema ligeireza. Farai deitou a fugir como a gazella mais veloz perseguida de perto pelos cães; e Solimão, dando um grande salto com tanta presteza e agilidade como qualquer dos animaes da raça felina, ficou suspenso do tronco de uma arvore, balanceando-se sobre a cabeça do bufalo, que esteve prestes a apanhal-o.

Entretanto nada foi capaz de abalar a presença de espirito do capitão Speke, nem o improviso do accommettimento, nem a fuga dos companheiros que o deixavam com uma unica arma, nem a lembrança de que, se esta errasse o tiro, elle seria victima irremediavelmente da ferocidade do bufalo. Tão senhor de si como se fôra um coelho que lhe saltasse debaixo dos pés, apenas viu a fera correr para elle, com um rapido movimento afastou-se da carreira que ella levava, e com outro, não menos instantaneo, fez pontaria e deu fogo com tal acerto, que a bala, penetrando no corpo do animal, na origem da espinha dorsal, estendeu-o sem vida junto da arvore d'onde pendia o afflicto negro.

I. de Vilhena Barbosa.

A CONVERSAÇÃO

A conversação deve collocar-se na primeira classe entre as diversões que dá a sociedade, e quanto mais viva tanto mais agradavel. Ha na verdade encanto na livre expansão do animo e na troca de idéas e sentimentos.

Quando reina a confiança entre certo numero de pessoas reunidas, onde haja instrucção, agudeza e cortezia, que de prazeres diversos resultarão para cada um dos que estejam n'aquella roda! Do calor d'esses espiritos brotam faiscas que devem illuminar o mundo.

Não são sempre estereis taes diversões; o descobrimento de algumas verdades, a destruição de alguns erros, e alguns projectos uteis á humanidade, tem resultado da conversação, nome que, todavia, se não póde dar á tagarellice, que é diversão para os espiritos futeis, e que, em vez de instruir, enfada.

Certas leis que salvaram as nações, e certos principios que regem o mundo, procederam das conversações. É porque homens esclarecidos tinham discutido livremente o assumpto, antes que os ministros e os legisladores pensassem em discutil-o com solemnidade. Tem muitas vezes saído das salas a lição para os ministerios e para os conselhos do estado. Nas salas de mad. Stael raiou muitas vezes a luz que esclarecia a opinião publica em França; contam-se em Portugal muitas casas illustres onde tem succedido outro tanto.

Ha muitos assumptos que só se discutem bem na conversação. Desembaraçado de outro interesse que não seja o de apurar a verdade, o homem nem é professor, nem estudante; mestre e discipulo ao mesmo tempo, expõe as dúvidas sem pejo e enuncia as averiguações sem orgulho, porque não representa senão o papel de homem na sociedade, nem o seu amor proprio está incitado ou comprimido pelo aspecto das galerias, como nas assembléas publicas. Logo que se apresenta o assumpto na conversação, o assumpto segue, porque se não procede como em certas assembléas deliberantes, onde se decide sem se ter deliberado, onde ha dissensão sem discussão, e opposição sem refutação; e onde cada qual lê ácerca do assumpto discursos a favor ou contra, que se contrariam sem se responderem.

Na conversação, por isso mesmo que se não está preparado para a discussão, discute-se. Não se limitam os individuos a justificar a propria opinião, discorrendo a favor ou contra a proposta; mas examinam tambem a opinião contraria, e, demonstrando os erros d'ella, aprendem a demonstrar a excellencia da que apresentaram. A razão e a verdade triumpham em taes discussões, onde aquelle que quer convencer não se recusa a ser convencido, onde a controversia é sincera porque foi improvisada, e luminosa porque foi livre.

Houve uma assembléa em que se adoptou, para deliberar, as fórmas da conversação; e nem os negocios nem a eloquencia perderam com isso. Como não era permittido levar as opiniões escriptas, cada um só fallava ácerca do que sabia; ninguem pensava em empenhar-se imprudentemente em uma lucta em que era mister defender-se com os proprios recursos, e na qual a sciencia alheia não podia servir de auxiliar. Saber ler n'esta assembléa não era saber tudo. Não se liam orações ciceronianas, mas improvisavam-se discursos que honrariam as primeiras tribunas do mundo.

Deve estimar-se ver introduzida a liberdade da conversação nas assembléas deliberantes, sujeitando-a, todavia, a regulamentos repressivos da desordem e da confusão; mas é censuravel ver introduzidas na sociedade as normas das assembléas deliberantes, sujeitando a conversação a determinados preceitos. Tirando-se a liberdade á conversação, tira-se-lhe o maior encanto. Desapparece a naturalidade, e com ella a graça da elocução que não se póde recuperar.

Conta-se de uma sala afamada o seguinte facto:

A scena passava-se no gabinete de um academico distincto. A esposa d'este, querendo exemplificar o proceder do marido, celebrava sessões academicas na propria casa. Em dia fixo, uma vez por semana, reuniam-se alguns individuos para deliberar ácerca de diversos assumptos. Collocados em meio circulo á roda do fogão, se era inverno, ou n'um circulo em volta da mesa, se era chegada a estação calmosa, não tinham licença de fallar senão a respeito do assumpto apresentado pela dona da casa. A maior gravidade e solemnidade reinavam n'estas sessões encyclopedicas, a que ella presidia.

Assentada em poltrona e collocada entre dois candieiros, cujas bandeiras graduavam a luz por modo que se reconhecesse a primitiva belleza da presidente, dirigia os trabalhos com discernimento e seriedade notaveis, e com aspecto varonil, dava, conservava, cortava ou retirava a palavra! Este presidente era tambem chefe da orchestra: assim como encaminhava a discussão do mau dialectico que se excedêra nas divagações, assim tambem dirigia o diapasão do orador, que, no calor da discussão, levantára demasiado a voz. A dona da casa graduava a voz pelo tom que se conserva nos quartos dos enfermos; e o discurso, que egualmente regulava, moldava-se quasi sempre pelas palavras intermittentes com que ella dictava as leis.

Fascinado pelo calor da discussão, um estouvado pedíra licença para refutar uma asserção absurda.

— Tem a palavra esse senhor que nos vae revelar grandes bellezas.

Excitado pela paixão, o estouvado levantou a voz.

— Cuidado, senhor, olhe que póde acordar os que dormem, dizia a dona da casa em tom meio malicioso, meio pedantesco.

Acabavam estas sessões, com effeito, no meio de individuos que tinham succumbido ao somno, comprehendendo alguns estrangeiros, que se retiravam depois de terem sonhado, para repetirem nas suas nações que esta sociedade era uma das mais dignas de menção.

Não podêmos chamar conversação á economica e methodica distribuição da palavra. Mas tambem não devemos dar este nome aos eternos discursos que se ouviam em casa de outra dama, não menos celebre que a antecedente.

Presidia esta dama a uma especie de parlamento, que se reunia em sua casa, parlamento, como muitos, em que nada se dizia, embora se não deixasse de fallar. A dona da casa dispunha da palavra, mas era para a dar a si propria e para a sustentar. Apresentar um assumpto, discutil-o e decidil-o era a sua prerogativa. O que ella chamaria discussão, era dissertação; o que se lhe afigurava conversação, era soliloquio.

Assentada ou reclinada perante o auditorio, que se compunha dos seus interlocutores, começava a conversação, que o almoço, o jantar, as visitas, os saraus, e até o jogo, não interrompiam; e assim na propria casa como na casa alheia. Só a necessidade de dormir é que lhe punha suspensão e não termo.

A arte com que a dama de que fallâmos se impunha como presidente, parecendo ceder a palavra como orador, era divertida. Depois de ter exposto a sua opinião, que merecia réplica, observava se algum dos circumstantes mudos ia responder:

— Vae sem dúvida objectar-me tal ou tal coisa, dizia, apressando-se em refutar a sua opinião, e quasi sempre consumindo o mesmo tempo do discurso; mas

a isso respondo... E depois de usar da palavra para se combater, fallava em seguida para se defender.

Esta dama, com effeito, fallava com tanta eloquencia como facilidade. Eram-lhe familiares os mais graves assumptos. Desenvolvia por vezes com brilhantismo as idéas mais abstractas e profundas; mixto de razão e imaginação, abundavam os seus monologos em rasgos de eloquencia resplendente e sublime. Era Corina na tribuna; era Pythonisa na tripode; era um livro excellente que se lia a si proprio; mas, é força dizel-o, decorrido certo lapso de tempo, não nos cairá das mãos o melhor livro?

Cançavam-se muitos de admiral-a, antes que ella cançasse de ser admiravel; e levantavam-se antes que deixasse de fallar.

— Este homem, dizia ella, não sabe sustentar uma conversação.

Um dos homens a quem achava espirito era porventura o mais mediocre; sabia, porém, ouvil-a doze horas seguidas sem proferir doze palavras, e se ás vezes soltava com timidez algum *se*, ou *mas*, ella considerava isto como objecções, e respondia sempre triumphantemente. Que admiravel exemplo para falladores!

O talento de ouvir é, todavia, necessario ao que deseja ter vantagem na conversação. Dá tanto direito á benevolencia dos interlocutores, como a pretenção de fallar exclusivamente o aliena. Prepara, além d'isso, a occasião de qualquer individuo se apresentar favoravelmente e de captivar a attenção dos que o rodeiam. É uma arte como aquell'outra que exemplificámos.

Houve um homem que passou por discreto, porque sabia conservar-se calado. Não entrando nunca no labyrintho de uma discussão, ou de uma simples conversação, ouvia tudo com sorriso meio benevolo, meio ironico, e mostrava-se por isso superior aos circunstantes. Parece que só interrompeu dez vezes na vida o silencio que guardava nas controversias mais animadas; mas fizera-o tão adequadamente, que envergonhára os interlocutores. Dando-se a tudo que poderia dizer o valor do que dissera, proclamavam-n'o á decima palavra homem de genio; se esperavam, porém, a decima primeira, elle tinha a fineza de sustentar a sua reputação e nunca a proferia. A sua tactica era, pois, de ouvir; e se tinha genio, era o genio dó silencio.

Cada qual tem o seu methodo. A economia de palavras é a compensação da prodigalidade de que fallámos acima. Mas a verdade é que devemos proceder a este respeito conforme a consciencia que tivermos dos nossos recursos, e serve para isso o bom senso. Não ha nada mais ridiculo do que pretender sujeitar a conversação a uma disciplina pedantesca; e n'este ponto a ordem não é tão necessaria como a liberdade. Pois a ordem não se estabelecerá por si? não nascerá do sentimento das conveniencias, legislador supremo da boa companhia, onde ha correctivo até para os parvos? E em boa companhia encontra-se sempre boa conversação.

Mas o que é a boa companhia? A resposta deve ponderar-se, e não póde escrever-se com duas palavras. Carece-se de tempo para reflectir, e talvez dê assumpto para outro artigo. Diremos, no entretanto, que, como as qualificações não representam muitas vezes o que valem, nem mascaram os que as usam, boa companhia chamar-se-ha á reunião de pessoas honradas e de siso, do mesmo modo que os parvos, os traficantes e os vendilhões se julgarão em boa companhia quando estiverem uns com os outros.

Em resumo: ao passo que observámos que é mui necessaria a liberdade na conversação, não esqueçamos nunca a prudencia, que é n'ella o guia principal e unico. Tenhamos presentes as palavras de Bernardes em um de seus elegantissimos sermões:

«E cuidâmos porventura que o desprezar a regra da prudencia no fallar tem sido causa de poucos damnos? Quantas vezes uma só palavra que se disse, e não se havia de dizer, tem feito grandes destruições no mundo?... Por uma palavra inconsiderada se descobre um segredo; por um segredo descoberto se póde perder um reino. Quantas familias inteiras não poderam nunca lavar uma nodoa que lhe poz uma só palavra de um ouvi dizer? Em fim, não fôra ella sentença do Espirito Santo, se não fôra verdadeira sentença a que diz: Que a morte e a vida estão na mão da lingua. Resta logo para remedio e cautela de tantos perigos, que nunca nossas palavras se afastem da regra da prudencia, porque só então sairão rectas.»

B. A.

CARTAS A UMA SENHORA

BREVISSIMA DESCRIPÇÃO DO SYSTEMA SOLAR

(Vid. pag. 12)

III

Proseguindo na analyse dos planetas, segundo a sua distancia ao Sol, o primeiro que encontrâmos é Mercurio, conhecido já dos antigos, que assim o denominaram, levados das suas extravagancias theogonicas, em virtude das quaes imaginaram certas relações mysteriosas entre os deuses e os homens por intervenção dos astros. Era uma sciencia occulta como a astrologia, muito mais obscura e talvez mais importante do que esta, conforme se infere da anthropologia grega.

Alguem aventou ultimamente a hypothese que entre o Sol e Mercurio, nas regiões circunvisinhas d'aquelle, existe um annel ou camada de asteroides. Esta theoria, mais hypothetica do que scientifica, ainda não foi comprovada pela observação.

Estacionemos, pois, na região exterior, para além da central, dominio directo do Sol, e consideremos os planetas que se movem em ellipses quasi circulares.

Mercurio está afastado do Sol 14.783:400 legoas; o seu anno (duração de revolução em torno do sol) é egual a 88 dias terrestres ($87^d,23^h,14^m$); a sua rotação diurna effeitua-se em $24^h,5^m,28^s$; e, para não repetir este facto singular, fique dito que os dias de Venus, Terra e Marte são quasi eguaes. O globo de Mercurio é muito mais pequeno que o globo terrestre; o seu diametro mede 1:243 legoas, em quanto que o da terra é egual a 3:183 legoas. A densidade de Mercurio é mais consideravel que a do nosso planeta. O Sol apresentar-se-ha aos habitantes de Mercurio, se porventura os tiver, sob a fórma de um disco rutilante, sete vezes maior do que se nos afigura a nós, que habitâmos a Terra. O diametro d'este disco ha de variar segundo as posições successivas do planeta na sua orbita. Esta variação do disco apparente do Sol, que é maior para Mercurio do que para a Terra, havia de convencer mais facilmente os habitantes de Mercucurio da ellipsidade da sua orbita, porque, se fosse circular, e o astro luminoso estivesse no centro, como as distancias se mantinham constantes, tambem o disco solar o era. Observações muito modernas, e dignas de credito, mostram que Mercurio é cercado de uma atmosphera muito dênsa, e que a sua superficie é formada de grandes montanhas mais elevadas do que as nossas. Mercurio foi confrangido de vastas convulsões, que o abalaram profundamente. Este planeta recebe sete vezes mais calor solar que a Terra.

A 27.618:000 legoas do Sol move-se Venus, o planeta brilhante, a estrella vespertina e crepuscular dos antigos, porque o seu nascimento e occaso ou segue o crepusculo da tarde ou precede o crepusculo da manhã. Venus foi talvez por este motivo o planeta que

mais excitou a curiosidade dos primeiros observadores, e as tradições astronomicas mais remotas fallam sempre d'este planeta. Venus envolve a orbita de Mercurio em $224^d,16^h,41^m$. Tem estações mais pronunciadas do que as nossas, cada uma das quaes dura tão sómente dois mezes. Em virtude da differença de distancias, Venus recebe do Sol duas vezes mais luz e calor do que a Terra; a sua extensão, massa, densidade e peso á superficie, pouco differem dos elementos analogos terrestres. É este globo de superficie mui angustiada e confrangida, pois alguns pincaros encerra que se erguem a 40:000 metros de elevação. A atmosphera que cerca Venus é muito densa e elevada, o que permitte aos astronomos terrestres distinguir-lhe a aurora e o declinar do dia. Este planeta, que recebeu uma denominação tão poetica dos antigos, anda quasi sempre encoberto de nuvens, que o furtam á curiosidade dos telescopios.

A observação das passagens de Venus tem grande valor na astronomia, porque permitte determinar certos elementos essenciaes.

Á alma Venus segue-se a Terra, que descreve a sua orbita a 38.230:000 legoas do astro central. O nosso planeta é muito analogo ao precedente e a Marte. Tem quasi o mesmo tamanho, o mesmo peso, uma atmosphera analoga, completa a sua revolução diurna em $23^h,56^m,4^s$, e descreve a sua revolução annua em 365^d, $5^h,48^m$. O seu diametro mede 3:184 legoas. O nosso planeta é sempre acompanhado de um satellite, ou lua, que completa em $27,^d12^h,44^m$ o seu duplo movimento de translação e rotação, a uma distancia média de 96:723 legoas [1]. A superficie lunar foi em tempos rasgada violentamente por grandes volcões, e soffreu muitos cataclysmos, porque as vastas crateras que a revestem, a fórma rendilhada das suas montanhas, e outros indicios que seria longo enumerar, revelam os derradeiros vestigios de antigas revoluções.

O hemispherio lunar que olha para a Terra não tem atmosphera, nem agua ou outro qualquer liquido que podesse evaporar-se. Talvez que o outro hemispherio contenha estes elementos necessarios á vida que nós vivemos e como a comprehendemos. Conclue-se, portanto, que se ha selenites, só podem existir na face opposta.

Para além da Terra obra de vinte milhões de legoas circula o planeta Marte, cujas similhanças com a terra são muito consideraveis [2]. Marte está afastado do astro central 58.178:600 legoas; completa o seu anno em $686^d,22^h,18^m$, e a sua rotação diurna em $24^h,39^m,21^s$. Os seus caractéres physicos são, como disse, muito analogos aos do nosso globo, e, se a inducção logica é permittida n'estes assumptos, podêmos concluir que, sendo a Terra habitada, Marte tambem o deve ser. Ainda mais. Os habitantes d'estes dois planetas, vivendo em condições quasi identicas, não podem ser muito differentes; antes a sua estatura, funcções e paixões seguirão maravilhoso parallelismo. O kaleidóscopo social que vemos na Terra ha de existir tambem em Marte. Este planeta está circundado de camadas atmosphericas; tem os polos cheios de neve; as suas costas são configuradas como as da terra; os climas e estações são communs; as culturas seguem alternativas parallelas, segundo se deprehende das alterações superficiaes. Estes e outros caractéres induzem-nos a acreditar que Marte tem habitantes, que são nossos parentes mui proximos. Mas a sciencia nada mais póde dizer. Não me pergunte v. exc. se em Marte são as amazonas que guerreiam, se o sexo amavel é o masculino, ou outras coisas muito curiosas. Se eu estivesse escrevendo um romance, respondia-lhe com um madrigal, á moda de Fontenelle; mas como a sciencia é positiva, remato a conversação com um ponto de interrogação, deixando á sua imaginativa vastissimos campos para divagar.

(Continúa) A. Osorio de Vasconcellos.

1 Esta a razão por que vemos constantemente a mesma face da lua, se pozermos de parte certos movimentos singulares, librações que nos deixam entrever mais alguns tractos do outro hemispherio. Ha uma experiencia pratica que nos demonstra esta singularidade astronomica. Se traçarmos um circulo em um pavimento e nos collocarmos no centro; e se outra pessoa obrigar uma esphera a descrever o circulo, dando-lhe conjunctamente um movimento de rotação, de sorte que estes movimentos se façam ao mesmo tempo, veremos sempre o mesmo hemispherio.

2 A vida na superficie d'este planeta tem excitado o estudo dos maiores astronomos dos tempos modernos, quaes são sir John Herschel, Beere, Mædler, Sechi, Philips, de la Rue, etc. As observações mais recentes, e por isso mais interessantes, foram resumidas e compendiadas com muita exacção pelo sr. Flammarion em o *Cosmos*, t. XXII, liv. XXVI, junho de 1863. Este resumo traz tudo o que se sabe, e merece ser lido pelos curiosos.

OS GRANDES CAPITÃES

Em uma revista que se publicou em 1828, descreveu Thiers as qualidades eminentes que deviam concorrer em um general, para ser illustre, d'este modo:

«O homem chamado a commandar os outros nos campos de batalha deve ter, como em todas as profissões liberaes, uma instrucção scientifica.

«É mister que possua as sciencias exactas, as artes graphicas e a theoria das fortificações. Engenheiro, artilheiro e bom official de fileira, é necessario que seja geographo, não geographo vulgar, que saiba onde nasce o Rheno ou o Danubio, e onde descarregam suas aguas; mas geographo profundo, que comprehenda todas as cartas, o desenho, as linhas, a relação e o valor de cada uma.

«É preciso que tenha conhecimento exacto da força, dos interesses e do caracter dos diversos povos; que saiba a historia politica de cada um, e principalmente a historia militar; é necessario sobre tudo que saiba conhecer os homens, pois os homens que seguem a profissão das armas não são machinas; pelo contrario, tornam-se mais sensiveis e irritaveis do que em qualquer outra profissão, e a arte de dirigil-os com mão delicada e firme foi sempre uma parte importante da arte dos grandes capitães.

«Mas o militar deve egualmente juntar a estas noções superiores o estudo mais vulgar, porém não menos necessario, da administração. É necessario ter o espirito de ordem e minuciosidade do administrador, porque o militar não se educa para a guerra sómente; alimenta-se, veste-se, arma-se e cura-se. Saber tão vasto deve desenvolver-se porventura ao mesmo tempo e nas circunstancias mais extraordinarias.

«A cada movimento é necessario pensar na vespera e no dia seguinte, nos flancos e na retaguarda; mover tudo comsigo: munições, viveres e hospitaes; calcular ao mesmo tempo sobre a atmosphera e sobre a moral dos homens; e estes elementos tão diversos e tão inconstantes, que se mudam e complicam continuamente, combinal-os assim no meio do frio como entre o calor, assim no meio da fome como entre as balas.

«Em quanto pensaes em coisas tão diversas, a artilheria retumba, e a vossa cabeça está ameaçada; mas o que é peior é que milhares de homens vos observam e procuram ler no vosso rosto a esperança de sua salvação; que mais ao longe, após elles, está a patria com os loiros e os cyprestes; e que todas estas imagens é necessario apagal-as para meditar e meditar depressa; porque um instante de demora poderá perder a combinação mais bella e mais opportuna, e, em vez da gloria, esperar-vos a humilhação.»

Não deve ser a mulher escolhida pelos anneis que tem nos dedos, nem pela graça que tem nos olhos, como os mais dos homens costumam; que isso é inquirir de suas riquezas, e não de seus procedimentos.

Diogo de Paiva.